



NEST Cap

PAPO DE ESTAGIO

7ª edição - 11, 12 e 13 de junho de 2025

Da “avenida” à universidade: experiências de estágio em um Colégio de Aplicação

From the “avenue” to the university: internship experiences in a application school

Elvis Marcio de Souza¹

Rodrigo Roberto Wanderley Eiras²

Resumo

Este relato de experiência analisa observações realizadas no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Pernambuco (CAp-UFPE), a partir da perspectiva da etnografia da prática escolar. O objetivo é refletir sobre a experiência de estágio considerando as interações cotidianas e a dinâmica sociocultural do ambiente escolar. Estrutura-se em três eixos: (1) metodologia e construção da observação; (2) escola como espaço sociocultural e atuação dos/as estudantes; e (3) práticas e desafios no ensino de Sociologia. O segundo eixo aborda a identidade juvenil e concebe os/as estudantes como sujeitos históricos com trajetórias singulares. O terceiro eixo enfatiza a importância de metodologias atentas à realidade dos/as estudantes, destacando o papel do ensino de Sociologia na promoção do pensamento crítico. A experiência evidencia a complexidade das interações escolares e a necessidade de abordagens pedagógicas sensíveis ao contexto sociocultural dos estudantes.

Palavras-chave: Etnografia Escolar. Identidade juvenil. Ensino de Sociologia. Relação professor-estagiário. Serviços de apoio.

Abstract

This experience report analyzes observations conducted at the Colégio de Aplicação of the Federal University of Pernambuco (CAp-UFPE) from the perspective of the ethnography of school practice. The main objective is to reflect on the internship experience by examining daily interactions and the sociocultural dynamics of the school environment. The report is structured around three axes: (1) methodology and construction of observation; (2) the school as a sociocultural space and student engagement; and (3) practices and challenges in teaching Sociology. The second axis addresses youth identity and conceptualizes students as historical subjects with unique trajectories. The third axis emphasizes the importance of methodologies attentive to students' realities, highlighting the role of Sociology education in fostering critical thinking. The experience reveals the complexity of school interactions and the need for pedagogical approaches sensitive to students' sociocultural contexts.

Keywords: School Ethnography. Youth Identity. Sociology Teaching. Teacher-Intern Relationship. Support Services.

¹ Graduando do curso de Licenciatura em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), e-mail: elvismds.e@gmail.com, ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-1407-3106>

² Graduado em Ciências Sociais, mestre e doutorando em Sociologia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), e-mail: rodrigo.eiras@capufpe.com, ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-1840-7444>

Introdução

Este relato de experiência é resultado de observação no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Pernambuco (CAp-UFPE), como parte da disciplina de Estágio Curricular Supervisionado 2, do curso de licenciatura em Ciências Sociais da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Antes de relatar a experiência, gostaria de contextualizar brevemente a escolha do título.

Esta foi a minha segunda experiência de observação em uma escola. A primeira ocorreu em uma instituição da rede estadual, reconhecida como Escola de referência em ensino fundamental e médio (EREFEM). Por se tratar do primeiro contato formal com a realidade escolar enquanto licenciando, após um período de afastamento da universidade em decorrência da pandemia, havia uma expectativa de que esse estágio inicial representasse uma oportunidade significativa de aproximação com a prática docente. No entanto, a experiência não correspondeu ao que havia planejado. Logo nos primeiros dias, percebi que a dinâmica da instituição impunha obstáculos à realização de uma observação sistemática. Alguns professores não autorizaram a minha presença em suas aulas, restringindo o acompanhamento das práticas pedagógicas. Além disso, em determinados momentos, enquanto observava espaços além da sala de aula, tanto a gestora quanto o coordenador ficavam me observando de forma que considerei inadequada, ativando “gatilhos” relacionados a experiências de racismo vivenciadas em outros contextos.

Tendo em vista tais dificuldades, no Estágio 2 decidi migrar para o CAp-UFPE, pois os colégios vinculados a universidades e institutos federais funcionam como espaços privilegiados para o desenvolvimento e aplicação de novas metodologias. Além disso, contribuem para a formação e aperfeiçoamento dos licenciandos por meio de programas diversos, como o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), Residência Pedagógica e Estágio Supervisionado. Em outras palavras, o CAp-UFPE tem como filosofia ser uma escola experimental, como indicado no Projeto Político Pedagógico da Instituição. Dessa forma, utilizei a palavra “avenida” de maneira ilustrativa para me referir às escolas fora dos muros das universidades.

Revista Cadernos de Estudos e Pesquisa na Educação Básica, Recife, v. 11, n. 2, Edição Especial, 2025.

ISSN: 2447-6943

Este artigo está licenciado sob forma de uma licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que a publicação original seja corretamente citada.

https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR



Assim, essa metáfora marca a transição do vínculo com o modelo tradicional para o modelo experimental.

Isto posto, num primeiro momento, apresentarei a metodologia utilizada, pesquisa qualitativa, caracterizada por etnografia em espaço escolar. A escolha metodológica considerou o contato direto com o objeto pesquisado, logo “[...] permite reconstruir os processos e as relações que configuram a experiência escolar diária” (André, 2013, p. 41).

Num segundo momento, a análise incidirá sobre a atuação juvenil no espaço escolar, problematizando a distinção entre as categorias “jovem” e “aluno”, articulando-a à noção foucaultiana de corpos dóceis, que permite compreender os mecanismos de disciplinamento e regulação exercidos pela escola. Serão ainda consideradas as identidades juvenis observadas em campo, entendidas como formas de sociabilidade e apropriação simbólica do ambiente escolar, visto que “falar da escola como espaço sócio-cultural implica, assim, resgatar o papel dos sujeitos na trama social que a constitui, enquanto instituição” (Dayrell, 1996, p. 1). Além disso, será analisada a relação ensino-aprendizagem no âmbito do ensino de Sociologia, com base em situações que evidenciem nuances interacionais e modos de apropriação do conhecimento sociológico pelos estudantes. Ademais, serão consideradas as características do perfil do professor durante as aulas observadas, e breve abordagem sobre o uso do livro didático, pois “[...] o Brasil é um dos países do mundo com maior volume de vendas de livros didáticos” (Engerhoff; Oliveira, 2018, p. 215).

O CAp-UFPE dispõe de um tripé de serviços que formam a chamada Unidade de Apoio ao Discente. Esse conjunto de serviços é: a) Serviço de Acolhimento e Acompanhamento do Discente (SAAD); b) Serviço de Acompanhamento da Rotina Escolar (SARE); e c) Serviço de Inclusão, Acessibilidade e Permanência (SIAP). O olhar acerca do impacto desses serviços no cotidiano dos estudantes será tema da terceira e última abordagem.



1. O método: a construção da observação

O processo que culminou neste relato ocorreu enquanto cursava o 6º período, ao longo do semestre 2024.1, onde realizei observação de campo, além de análise e revisão bibliográfica relacionada ao ensino de sociologia. Em atividades como essa, é comum o primeiro passo dado ser o mapeamento de campo, ou seja, a busca por uma escola, algo que experienciei no Estágio 1. No entanto, por conta da política de inserção do estagiário implantada pelo CAp-UFPE, foi disponibilizado pronto atendimento. Dessa maneira, a reunião com gestores/as e professores/as fica a cargo da docente da disciplina de Estágio, cabendo ao estagiário ir à escola somente para o recolhimento do crachá de acesso às dependências do espaço, bem como ser apresentado às normas e regras de convivência.

O primeiro passo da observação de campo ocorreu no dia 14 de agosto de 2024, sendo importante destacar que desde o primeiro momento todas as observações e interações foram registradas em caderno de campo, objeto muito comum em pesquisas de cunho etnográfico:

Esse tipo de pesquisa permite, pois, que se chegue bem perto da escola para tentar entender como operam no seu dia a dia os mecanismos de dominação e de resistência, de opressão e de contestação ao mesmo tempo em que são veiculados reelaborados conhecimentos, atitudes, valores, crenças, modos de ver e de sentir a realidade e o mundo (André, 2013, p. 41).

Sempre que me propunha observar a sala de aula, procurava me posicionar estrategicamente, tentando buscar um espaço privilegiado. Em outras palavras, um local que permitisse uma visão panorâmica do ambiente. Ainda, sobre a sala de aula, é importante destacar que “o estudo da dinâmica de sala de aula precisa levar em conta, pois, a história pessoal de cada indivíduo que dela participa, assim como as condições específicas em que se dá a apropriação dos conhecimentos” (André, 2013, p. 43). Dessa maneira, durante a observação, buscava olhar os agentes da sala de aula, alunos/as e professores/as, para além de suas caricaturas. Além disso, a partir da observação das relações de ensino-aprendizagem, procurava identificar e tecer

Revista Cadernos de Estudos e Pesquisa na Educação Básica, Recife, v. 11, n. 2, Edição Especial, 2025.

ISSN: 2447-6943

Este artigo está licenciado sob forma de uma licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que a publicação original seja corretamente citada.

https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR



uma “análise do material didático utilizado pelo professor e do material produzido pelo aluno” (André, 2013, p. 44), quando havia tais demandas.

Por fim, todo o processo de observação foi guiado pelas ideias postas a partir de três dimensões que para André (2013) são fundamentais no processo de investigação da rotina escolar, sendo essas: institucional/organizacional, instrucional/pedagógica e sociopolítica/cultural.

2. A escola como espaço sociocultural e a atuação dos/as estudantes nessa dinâmica

De acordo com André (2013), para ter noção da forma como a escola imprime sua função socializadora, faz-se necessário olhar além das relações impressas na sala de aula. Pois, fora desse espaço, também ocorrem dinâmicas onde as funções de socialização dos indivíduos são manifestas. Isso porque “[...] os sujeitos — alunos, professores, funcionários, que criam uma trama própria de inter-relações, fazendo da escola um processo de construção social” (Dayrell, 1996, p. 2). No entanto, a escola enquanto instituição se constitui como uma organização política para fins de dominação do sujeito, evidenciando que foi:

Em meio a esse cenário e a essas tecnologias de poder, surge o de escola atual, instituições governamentais, máquinas, gerenciando a vida de pessoas e produzindo determinadas subjetividades, objetivando um efeito: aprimorar, cuidar e controlar o corpo social em sua micro - partícula, nos gestos, hábito e pensamentos (Galvão, 2017, p. 269).

Com isso, há o encaixotamento do/a estudante a sujeitos meramente capazes de reter conhecimento para uma finalidade específica, passar de ano. Além disso, existe a padronização dos/as estudantes, como se todos/as tivessem um mesmo perfil, logo “o tratamento uniforme dado pela escola só vem consagrar a desigualdade



e as injustiças das origens sociais dos alunos” (Dayrell, 1996, p. 5). Porém, existem outras formas de visualizá-los.

Uma das estratégias utilizadas em campo para compreender os/as estudantes foi a aproximação ao Grêmio Estudantil. Durante o período de observação, estavam ocorrendo as eleições para a escolha do novo grupo que comporia o Grêmio Estudantil. Em relação a esse tipo de grupo, vale ressaltar que são “grupos sociais formados a partir de adesões estéticas ou políticas” (Lima Filho, 2014, p. 106). Ainda, segundo Lima Filho (2014), tais grupos são representações da cultura juvenil.

Durante a campanha, a chapa “CAP Pra Nós” realizou visitas às turmas com intuito de dialogar com os/as estudantes. Quando eu acompanhava a aula na turma “1º ano A”, composta por 25 estudantes, os integrantes da chapa adentraram a sala e solicitaram ao professor autorização para se dirigir à turma. Um dos representantes iniciou sua fala destacando a relevância do Grêmio Estudantil, enfatizando o papel da entidade na defesa dos interesses e necessidades do corpo discente. Quanto a isso, vale destacar que “além de promover sociabilidades, uma das principais funções do agrupamento envolve a vigilância e a defesa dos valores próprios do estilo” (Lima Filho, 2014, p. 108).

Durante a fala, o aluno enumerou quais eram as atribuições do Grêmio, sendo uma dessas, o direito de voto no Conselho Gestor da escola. Nesse momento, pude observar quão surpreso ficou o professor. Ao final da fala do aluno, o professor perguntou se o Grêmio Estudantil realmente tinha direito a voto no Conselho Gestor. O aluno respondeu que sim. Então, o professor se voltou para a turma e fez a seguinte pergunta: “Vocês sabem o que é o Conselho Gestor?” Todos/as permaneceram em silêncio. O professor passou a enumerar os grupos gestores da escola, classificando o Conselho Gestor como a entidade máxima da instituição. E, se voltando para os integrantes da chapa, indagou: “E vocês têm direito a voto no Conselho Gestor?” Nesse momento ficou perceptível como o professor enxergava aquilo de maneira questionável. Tal postura evidencia um traço das escolas brasileiras, onde “o jovem simplesmente não é percebido dentro dos muros escolares, na maioria dos casos”



(Lima Filho, 2014, p. 111). Em seguida, o aluno que havia discursado dirigiu-se a turma, em questionamento: “Estão vendo como a nossa atuação é importante”. E, continuou: “Nós estamos aqui para lutar pelo direito de vocês”. Quanto a isso “nota-se, assim, que o jovem que frequenta a escola constrói alianças e conflitos por meio de seu sentimento de pertença a agremiações específicas que, de algum modo, orientam sua participação na sociedade” (Lima Filho, 2014, p. 109).

3. O aluno, o professor e o livro didático: a relação ensino-aprendizagem e o ensino de Sociologia

As observações da sala de aula ocorreram em turmas do 1º ano do ensino médio, os 1º “A” e “B”, com foco no ensino de Sociologia.

O primeiro dia de observação de campo foi em sala de aula, numa aula de Sociologia. Nesse dia, foi percebido que haveria uma dinâmica que dificultaria a observação. As turmas vinham numa sequência de realização de seminários, e assim permaneceram por boa parte do período de observação. Essa primeira aula observada foi no 1º “A”, e o professor deparou-se com um imprevisto, vários integrantes do grupo que realizaria o seminário faltaram. Com isso, o professor teve que improvisar, inicialmente propondo a exibição de um documentário. E, em seguida, fariam uma discussão sociológica sobre a obra. O professor agiu habilmente buscando implementar uma estratégia de ensino do tipo Fórum, que “consiste num espaço do tipo ‘reunião’, no qual todos os membros do grupo têm a oportunidade de participar do debate de um tema ou problema determinado” (Anastasiou; Alves, 2004, p. 102). O documentário exibido foi Hiato³ (2008). Após a exposição, o professor buscou ouvir as impressões dos/as estudantes, onde, inicialmente, somente um aluno e uma aluna se mostraram realmente dispostas a expor suas opiniões. O aluno teceu

³ Resenha do documentário: <https://petbiceunifal2017.wixsite.com/petbice/single-post/o-cinepet-indica-hiato> Acesso: 30 set. 2025.



um comentário citando questões de desigualdade de classes presentes no conteúdo assistido, o que fez a aluna revisitar a ideia principal de um dos principais autores da Sociologia clássica, Karl Marx. A partir disso, outros estudantes foram incluindo-se no debate. Contudo, destaco a participação de uma aluna em relação às questões raciais presentes no documentário, o que a fez expor sua experiência como exemplo, pois era uma mulher negra. Esse movimento evidencia a capacidade de utilização da imaginação sociológica que “capacita o seu possuidor a compreender o cenário histórico mais amplo, em termos de seu significado para a vida íntima e para a carreira exterior de numerosos indivíduos” (Silva, 2005 apud Mills, 1975 p. 4). Com isso, o professor, com o modelo de aula proposto, conseguiu acessar os/as estudantes e “[...] iniciar instigando-o a pensar sua história de vida, sobre a sua biografia de vida” (Silva, 2005, p. 4).

Posteriormente, num terceiro momento da aula, o professor, por meio de aula expositiva, buscou aprofundar algumas questões presentes no documentário, recorrendo a conceitos como norma culta, dupla consciência e usando como referencial teórico o autor francês Franz Fanon. Durante esse processo de exposição, percebi alguns estudantes confusos e a turma foi ficando dispersa, rompendo aos poucos com a dinâmica criada inicialmente. Por fim, o professor foi buscar exemplos práticos no meio do futebol, evidenciando a ideia que “a constituição do perfil do(a) professor(a) é fortemente influenciada pela sua formação acadêmica” (Cigales, 2020, p. 282), visto que a trajetória acadêmica do professor enquanto pesquisador está alocada no campo da sociologia do esporte.

Nas aulas seguintes aconteceram os seminários. Dos seminários que observei no “1º ano B”, composta por 26 estudantes, os/as alunos/as fugiam da proposta da atividade. O professor havia separado a turma em grupos de cinco estudantes. As apresentações eram realizadas com os/as estudantes lendo suas falas ao celular, embora entre os/as integrantes dos grupos houvesse alguém realmente dedicado, a maioria demonstrava despreparo para a apresentação. Com isso, os desempenhos eram deficitários, visto que “a preparação do seminário e a garantia de funcionamento



das diversas etapas de sua realização constituem pressupostos importantes para um bom resultado dele” (Anastasiou; Alves, 2004, p. 97).

O professor não delimitava um tempo limite para as apresentações, dessa maneira, a exposição dos grupos sempre tomava parte significativa do tempo da aula, ficando reservado para os seus aprofundamentos um tempo insuficiente. Com isso, os objetivos por vezes não eram alcançados, seja uma melhor apresentação dos conceitos, seja a aproximação dos temas — Karl Marx, Émile Durkheim, Max Weber, Pierre Bourdieu, sociologia do crime e gênero — com a vida dos/as estudantes.

O último dia em campo também foi numa aula de sociologia, no “1º ano A”. No início da aula, o professor decidiu consultar o que os/as estudantes gostariam de trabalhar na aula, conteúdo programado ou exposição de documentário e discussão sobre a obra. Os estudantes escolheram a segunda opção. O documentário trazido pelo professor foi Um lugar ao sol⁴ (2009), novamente a turma se mostrou participativa, problematizando as questões impressas na obra de maneira reflexiva em diálogo com o professor. Dessa maneira, evidencia-se como esse tipo de exposição estava sendo aliada enquanto recurso didático.

Ademais, quanto ao uso de recursos didáticos de apoio, o professor citou o uso do livro didático Tempos Modernos, Tempos de Sociologia (2013), obra que participou do Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) em 2012, e venceu o Prêmio Jabuti⁵ no ano de 2011. Embora o professor tenha indicado uso, não foi possível perceber traços do conteúdo do livro nas aulas, bem como os/as estudantes não eram direcionados a utilização da obra.

O livro é dividido em três partes: saberes cruzados, a Sociologia vai ao cinema e a Sociologia vem ao Brasil. A primeira parte é dividida em quatro capítulos, e estão presentes temas como o surgimento da Sociologia, democracia, Estado,

⁴ O documentário aborda o universo dos moradores de coberturas de prédio das cidades de Recife, Rio de Janeiro e São Paulo. O diretor obteve acesso aos moradores das coberturas através de um curioso livro que mapeia a elite e pessoas influentes da sociedade brasileira.

⁵ Premiação anual ligada à Câmara Brasileira do Livro. Possui diversas categorias, dentre elas a de livro didático.



etnocentrismo, entre outros. A segunda parte é dividida em nove capítulos, com foco na abordagem clássica, dentre outros autores centrais para pensar determinados temas, como liberdade, consumo, tecnologia, etc. A terceira e última parte é composta por nove capítulos. Com foco sob o Brasil a partir de diversas perspectivas, tais como: identidade nacional, trabalho, religião, consumismo, pobreza, etc. De maneira geral, o referido livro está pavimentado pela trajetória das autoras, enquanto pesquisadoras, “todavia, as pesquisas desenvolvidas pelas quatro autoras perpassam as ciências sociais, as artes e a história” (Ergerroff; Oliveira, 2018, p. 222). Por fim, vale ressaltar que, embora muitas vezes, os livros didáticos sejam vistos com certa desconfiança:

[...] se constituem enquanto um instrumento de grande importância no processo de ensino aprendizagem, considerado atualmente um dos recursos mais utilizados no ambiente escolar, pois cabe a este determinar os conteúdos e condicionar as estratégias de ensino, assumindo assim, o papel de um currículo escrito” (Florêncio, 2016, p. 1341).

4. O tripé de serviços

O CAp-UFPE dispõe de uma unidade de apoio ao discente formada por três linhas de serviços, SIAP, SAAD e SARE.

O Serviço de Inclusão, Acessibilidade e Permanência (SIAP) foi criado em 2017 e teve como foco principal criar um movimento de integração para jovens que antes não eram entendidos como perfis atrativos para a instituição. Para isso, foi mudado o sistema de ingresso. Antes, a seleção era feita por meio de avaliação de conhecimentos gerais e, atualmente, é feita por meio de sorteio. Além disso, esse serviço busca criar mecanismos de permanência para os novos perfis de estudantes presentes na instituição. Dessa maneira, existe uma seleção interna onde é feita análise socioeconômica dos/as estudantes. Aqueles/as que estiverem nas exigências passam a receber bolsa de auxílio permanência de R\$ 300,00, por mês. Atualmente, 105 estudantes fazem parte desse programa. Além disso, o SIAP entre os anos de



2021–2022, abriu vagas para estudantes com deficiência. Isto posto, atualmente, o colégio acolhe 23 estudantes que estão na categoria. O SIAP é composto por duas profissionais, uma assistente social e uma psicóloga.

O Serviço de Acolhimento e Acompanhamento ao Discente (SAAD), composto por cinco profissionais, é o setor responsável pelas questões relacionadas ao ensino e aprendizagem dos/as estudantes. E o Serviço de Acompanhamento da Rotina Escolar (SARE) fica a cargo das questões mais rotineiras do colégio, por exemplo, a gerência de um setor de achados e perdidos, dentre outras demandas. O SARE é composto por três profissionais. Por fim, vale destacar que os três setores buscam atuar conjuntamente, onde são realizadas reuniões quinzenais para a discussão de demandas emergentes.

Considerações finais

As atividades do estágio supervisionado representaram uma etapa formativa fundamental para minha trajetória enquanto licenciando. A partir do contato direto com a rotina escolar, foi possível reconhecer a complexidade das dinâmicas que atravessam o cotidiano educacional, especialmente no que diz respeito ao ensino de Sociologia e à atuação dos agentes em um espaço marcado por disputas simbólicas e culturais.

As observações diárias permitiram a construção de um olhar atento sobre os processos pedagógicos e institucionais, aproximando-me de uma prática investigativa que privilegia o entendimento situado das relações entre ensino, aprendizagem e convivência escolar. Nesse processo, a análise do campo se mostrou fundamental para a interpretação da escola como espaço de reprodução e resistência.

Ao observar o ensino de Sociologia, identifiquei tanto potencialidades quanto desafios. Por um lado, a tentativa de construção de um espaço dialógico, com uso de documentários e debates, favoreceu a emergência de vozes estudantis. Por outro



lado, as dificuldades relacionadas à condução dos seminários e à apropriação crítica dos conteúdos revelaram a importância de estratégias pedagógicas melhor estruturadas.

Além disso, a atuação dos serviços institucionais SAAD, SARE e SIAP revelou um esforço importante de apoio à inclusão e acompanhamento dos discentes, apontando para uma concepção de escola comprometida com a diversidade. Essa articulação entre diferentes frentes de cuidado reforça o papel da escola como um espaço que vai além do ensino de conteúdos, sendo também um campo de disputa por condições dignas de aprendizagem e existência.

Por fim, o estágio supervisionado me possibilitou fortalecer a perspectiva de uma docência reflexiva. A experiência contribuiu para visualizar que a escola, com todas as suas contradições, permanece sendo um território fértil para o exercício do pensamento sociológico e para a formação de indivíduos capazes de compreender suas realidades e expressá-las de maneira crítica.

Referências

ANASTASIOU, Léa das Graças Camargos; ALVES, Leonir Pessate. Estratégias de ensinagem. **Processos de**, 2004, p. 75-107. Disponível em: <https://sitee.com.br/sistema1/arquivos/imagens/histogeo/estrategias-de-ensinagem.pdf> Acesso: 15 fev. 2025.

ANDRÉ, Marli. **Etnografia da prática escolar**. 18º ed. Campinas, SP: Papirus editora, 2012.

BOMENY, Helena et al. Tempos modernos, tempos de sociologia: ensino médio: volume único. 2. ed. **São Paulo: Editora do Brasil**, 2013.

CIGALES, Marcelo. O ensino de Sociologia e os Sentidos Pedagógicos. In: BRUNETTA, Antônio Alberto; BODART, Cristiano das Neves; CIGALES, Marcelo Pinheiro (org.). **Dicionário do Ensino de Sociologia**. 1. ed. Maceió: Editora Café com Sociologia, 2020, p. 380-384. Disponível em: <https://cafecomsociologia.com/wp-content/uploads/2020/08/Dicionario-do-ensino-de-Sociologia.pdf> Acesso: 15 fev. 2025.

Revista Cadernos de Estudos e Pesquisa na Educação Básica, Recife, v. 11, n. 2, Edição Especial, 2025.

ISSN: 2447-6943

Este artigo está licenciado sob forma de uma licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que a publicação original seja corretamente citada.

https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR



DAYRELL, Juarez. A escola como espaço sócio-cultural. **Múltiplos olhares sobre educação e cultura. Belo Horizonte: UFMG**, v. 194, p. 136-162, 1996. Disponível em: <https://ensinosociologia.milharal.org/files/2010/09/Dayrell-1996-Escola-espa%C3%A7o-socio-cultural.pdf> Acesso: 16 fev. 2025.

ENGERROFF, Ana Martina Baron; OLIVEIRA, Amurabi. Os sentidos da sociologia escolar nos livros didáticos no Brasil. 2018. Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/rpcsoc/article/view/9695/5635> Acesso: 16 fev. 2025.

FLORENCIO, Maria Amélia de Lemos. Reflexões sobre o uso do livro didático de Sociologia na educação básica. **Anais do I Seminário Nacional de Sociologia da UFS**, 2016. Disponível em: <https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/12811/2/ReflexoesLivroDidaticoSociologia.pdf> Acesso: 16 fev. 2025.

GALVÃO, Bruno Abílio. Foucault, Deleuze e a máquina escolar: A escola como dispositivo de poder e a produção de corpos dóceis. **Revista Ideação**, 2017. Disponível em: <https://periodicos.uefs.br/index.php/revistaideacao/article/view/2996/2363> Acesso: 16 fev. 2025.

LIMA FILHO, Irapuan Peixoto. Culturas juvenis e agrupamentos na escola: entre adesões e conflitos. **Revista de Ciências Sociais: RCS**, v. 45, n. 1, p. 103-118, 2014. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/17956/1/2014_art_iplimafilho.pdf Acesso: 16 fev. 2025.

RAIZER, Leandro. O ensino de Sociologia e o Perfil do(a) Professor(a). In: BRUNETTA, Antônio Alberto; BODART, Cristiano das Neves; CIGALES, Marcelo Pinheiro (org.). **Dicionário do Ensino de Sociologia**. 1. ed. Maceió: Editora Café com Sociologia, 2020, p. 281-285. Disponível em: https://cafecomsociologia.com/wp-content/uploads/2020/08/Dicionario_do_ensino_de_Sociologia.pdf Acesso: 16 fev. 2025.

SILVA, Ileizi Luciana Fiorelli. A Imaginação Sociológica: desenvolvendo o raciocínio sociológico nas aulas com jovens e adolescentes. (Experiências e Práticas de Ensino). **Mini-Curso. Simpósio Estadual de Sociologia. Secretaria e Estado de Educação do Paraná-SEED**, v. 20, 2005. Disponível em: <http://www.uel.br/grupo-estudo/gaes/pages/arquivos/Ileizi%20MINI%20CURSO%20A%20Imaginacao%20Sociologica.doc> Acesso: 16 fev. 2025.

Revista Cadernos de Estudos e Pesquisa na Educação Básica, Recife, v. 11, n. 2, Edição Especial, 2025.

ISSN: 2447-6943

Este artigo está licenciado sob forma de uma licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que a publicação original seja corretamente citada.

https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR

